

A NOVA JERUSALÉM

Um estudo de Apocalipse 21,9–22,9

José Adriano Filho

A mensagem do Apocalipse de João tem como ponto culminante a apresentação da Nova Jerusalém, uma entidade sociopolítica que simboliza a nova ordem da realidade, e não deve ser identificada com nenhuma forma histórico-religiosa particular, pois representa um aspecto da criação de novos céus e nova terra. Como esperança escatológica, a Nova Jerusalém é a antítese da Babilônia que recebeu o juízo de Deus. Esta imagem é usada como símbolo da expectativa escatológica porque é uma cidade que se contrapõe a outra cidade, Babilônia, que, no Apocalipse, refere-se a todo poder terreno que se opõe a Deus. Para aqueles que estavam sofrendo as consequências do domínio da Babilônia, o livro oferece a esperança da Nova Jerusalém que governará como centro de novos céus e nova terra.

A apresentação da Nova Jerusalém envolve uma cuidadosa reinterpretação do Antigo Testamento e de textos da tradição judaica. Envolve também a transformação da linguagem profética, que deriva da apresentação do Apocalipse como uma obra profética, em especial uma profecia escrita (Ap 1,3). Para entendermos o significado da Nova Jerusalém, portanto, é preciso analisar os símbolos utilizados no contexto das tradições em que foram tirados e o que estas imagens dizem às comunidades do Apocalipse. Assim, perceberemos como ocorreu a reinterpretação dos textos do Antigo Testamento e da literatura apocalíptica, que transformou e redirecionou símbolos tradicionais, levantar o “porquê” de tais símbolos serem usados e entender o que eles dizem no contexto do Apocalipse de João.

1. A apresentação da Nova Jerusalém

1.1. A cidade, a sua muralha e os seus portões

⁹ E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro. ¹⁰ E conduziu-me em espírito a uma grande e alta montanha, e mostrou-me a santa cidade Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, ¹¹ tendo a glória de Deus. O seu brilho é semelhante a uma pedra preciosíssima como jaspe cristalina, ¹² tendo uma grande e alta muralha, doze portas, e sobre as portas doze anjos e nomes inscritos que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel: ¹³ três portas do lado leste, três portas do lado norte, três portas do lado sul e três portas do lado

oeste.¹⁴ A muralha da cidade tem doze fundamentos e sobre eles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

Apocalipse 21,9-14 destaca três feições essenciais da cidade: ela desce do céu, é a noiva, a esposa do Cordeiro, está cercada por uma grande muralha e é apresentada como cumprimento da promessa de Deus a uma comunidade histórica específica. Primeiro, a cidade surge de uma ação sobrenatural e é a noiva, a esposa do Cordeiro. Ela desce do céu, está cheia da glória de Deus e manifesta a sua presença como uma grande luz. Estas imagens ilustram o relacionamento entre Deus e o seu povo e originaram-se nas tradições do profeta Isaías que apresentam o relacionamento entre Deus e o remanescente fiel simbolizado por Sião/Jerusalém e descrevem a restauração da Jerusalém histórica no período pós-exílico:

Levanta os teus olhos ao redor e olha; todos estes que se ajuntam vêm ter contigo. Vivo eu, diz o Senhor, que de todos estes te vestirás, como dum ornamento, e te cingirás deles como a noiva (49,18).

Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegrará no meu Deus, porque me vesti de vestes de salvação, cobriu-me com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas joias (61,10).

1 Henoc 90,28-29 afirma que Deus removerá a antiga cidade e criará uma nova Jerusalém:

Levantei-me para ver até que ele recolheu a velha casa. Todos os pilares, vigas e ornamentos foram tirados, recolhidos juntos com ela; foram tirados e lançados em um lugar ao sul da terra. Vi que o dono das ovelhas trouxe a casa nova, mais alta e maior que a primeira e a colocou no lugar da que havia sido recolhida. Todas as suas colunas e ornamentos eram novos e maiores que os da antiga que havia sido tirada, e o dono das ovelhas estava dentro da casa.

Estes textos indicam a qualidade do relacionamento entre Deus e a comunidade tanto na ordem histórica quanto escatológica, ao apresentar a beleza da cidade e a intimidade e o relacionamento entre Deus e os redimidos na era apocalíptica. Este relacionamento já começou na comunidade histórica, um relacionamento centralizado não só numa nação somente, mas entre Deus e a comunidade que se define por meio da sua fé no Cordeiro.

Segundo, uma “grande muralha” cerca a cidade. É uma muralha que provê segurança plena para os seus moradores e uma firme exclusão dos inimigos:

Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas nos teus termos; mas aos teus muros chamarás Salvação, e às tuas portas Louvor (Is 60,18).

É interessante observar que a descrição da muralha e dos portões da cidade segue o modelo encontrado na cidade descrita por Ezequiel:

São estas as saídas da cidade: da banda do norte, que mede quatro mil e quinhentos côvados, três portas: a porta de Rúben, a de Judá e a de Levi, tomando as portas da cidade os nomes das tribos de Israel; da banda do oriente, quatro mil e quinhentos côvados, e três portas, a saber: a porta de José, a de Benjamin e a de Dã; da banda do sul, quatro mil e quinhentos côvados, e três portas: a porta de Simão, a de Issacar e a de Zabulon; da banda do ocidente, quatro mil e quinhentos côvados, e as suas três portas: a porta de Gad, a de Aser e a de Neftali. Dezoito mil côvados em redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O Senhor está ali (Ez 48,30-35).

Como a cidade da visão de Ezequiel, a Nova Jerusalém tem doze portões, três de cada lado, e corresponde às doze tribos dos filhos de Israel. A única diferença é que Ezequiel considera os portões como saídas, por meio das quais as tribos saíam para suas terras. O Apocalipse, entretanto, fala dos portões como entradas que estão abertas às nações da terra:

As suas portas, de dia, jamais se fecharão, e ali não haverá noite, e lhe trarão a glória e a honra das nações (Ap 21,25-26).

Finalmente, a cidade é apresentada como cumprimento da promessa de Deus a uma comunidade histórica específica. Não é anônima, mas tem um nome: Jerusalém. Seus portões têm os nomes das doze tribos dos filhos de Israel e os seus fundamentos são os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. As histórias dos patriarcas, profetas e apóstolos se entrelaçam numa única história, a história da cidade de Deus. Uma medida da continuidade desta história está no fato de que a visão da nova Jerusalém é formada a partir da visão de Ezequiel (48,30-35) e, em ambas, o sentido da cidade é dado pela frase “O Senhor está lá”.

A cidade tem sobre as portas doze anjos e os doze nomes das doze tribos de Israel. A muralha tem doze fundamentos, que são os doze apóstolos do Cordeiro. O número doze indica que as pedras da fundação da cidade se referem aos doze apóstolos como aqueles que lançaram os fundamentos da igreja: a cidade está construída sobre o fundamento dos apóstolos, a revelação de Deus da qual eles foram fiadores e testemunhas oculares. O grupo apostólico se revela homogêneo e compacto, unido Àquele que lhe dá coesão: o Cordeiro. Há, assim, continuidade entre a comunidade escatológica e a comunidade apostólica.

A cidade é também comparada a uma joia preciosa “como jaspe claro como cristal”, lembrando a visão do trono (4,3; 21,11.23). A luz que inunda a cidade santa é semelhante à que brilha através da auréola que circunda o trono de Deus (Ap 4,3). Além disso, a glória de Deus dá luz à cidade. A cidade santa assemelha-se, portanto, ao trono de Deus.

1.2. As dimensões e os fundamentos da cidade

¹⁵ Aquele que falava comigo tinha como medida uma vara de ouro, para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. ¹⁶ A cidade é quadrangular. O seu compri-

mento é tão grande como a largura. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais.¹⁷ Mediu a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, ou seja, de anjo.¹⁸ O material da muralha é de jaspe e a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro puro.¹⁹ Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas: o primeiro fundamento é jaspe, o segundo safira, o terceiro calcedônia, o quarto esmeralda,²⁰ o quinto sardônio, o sexto sárdio, o sétimo crisólito, o oitavo berilo, o nono topázio, o décimo crisópaso, o décimo primeiro jacinto, o décimo segundo ametista.²¹ As doze portas são doze pérolas e cada uma das portas era de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro como vidro transparente.

Apocalipse 21,15-21 descreve as dimensões e os fundamentos da cidade. Como a cidade da esperança de Ezequiel (45,2; 48,20), a Nova Jerusalém é quadrangular. Cada lado da cidade tem doze mil estádios. Suas muralhas têm cento e quarenta e quatro cúbitos. Isso não só representa uma dimensão inimaginável, mas indica que na nova Jerusalém há lugar para todos. A altura da cidade indica a combinação do céu e da terra no novo mundo, bem como o fato de que a cidade de Deus e do Cordeiro se estenderá a todos os povos.

Apocalipse 21,18-21 apresenta os materiais utilizados na construção da cidade. A muralha é de jaspe e a própria cidade de ouro puro semelhante a vidro puro. A radiação da sua luz indica que ela está coberta pela luz da glória de Deus (Isaías 54,11). A descrição das pedras preciosas que adornam sua fundação deriva-se das tradições de Isaías:

Ó tu aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida, e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas (54,11-12).

A muralha destaca-se como a principal feição arquitetônica da cidade (21,12. 14-15.17-19). As pedras preciosas são apresentadas numa ordem diferente da ordem de Isaías e os doze fundamentos da muralha correspondem às pedras que estavam colocadas no peitoral do sumo sacerdote (Ex 28,15-29). Apocalipse 21,21 afirma que as doze portas são doze pérolas, sendo cada porta de “uma só pérola”.

Não podemos esquecer de que no contexto no Apocalipse de João as doze pedras preciosas encontradas na descrição da Nova Jerusalém contrastam com as joias que adornam a prostituta e faz parte do comércio com a Babilônia, a grande:

Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlate, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo nas mãos um cálice de ouro transbordante de abominações e com as impurezas da sua prostituição (17,4).

E os mercadores da terra choram e lamentam sobre ela porque ninguém mais compra a sua mercadoria, mercadoria de ouro e de prata, de pedras preciosas, de pérolas (...) (18,11-13).

Ai, ai, a grande cidade vestida de linho, púrpura e escarlate adornada de ouro, pedras preciosas (18,16).

A apresentação das pedras preciosas em Apocalipse 21,18-21 destaca o contraste entre Babilônia e Nova Jerusalém ao descrever as joias de uma e a arquitetura da outra em termos similares. Destaca-se também o fato de que a ostentação da prostituta contrasta com a pureza da noiva do Cordeiro (19,8). A cidade de Deus do fim dos tempos é diametralmente oposta à cidade que governa o mundo presente. Isso indica que essas pedras preciosas não devem ser desescatologizadas e relegadas a simples expressão de luxúria e pompa, pois, para os cristãos oprimidos por um poder mundial corrupto e orgulhoso que quer usurpar o lugar de Deus, as joias são emblemas que sustentam a esperança na vitória de Deus.

Apocalipse 21,15-21 descreve a muralha, as ruas de ouro e os fundamentos da cidade, indicando o seu caráter transcendente. Se em Apocalipse 21,9-14 temos a apresentação da continuidade entre o chamado de Deus aos patriarcas e apóstolos e a Nova Jerusalém, agora se acentua que a glória de Deus transcende as instituições históricas particulares. O novo povo de Deus compreende o antigo Israel, mas transcende também toda a exclusividade étnica. O novo mundo não tem como fundamento os primeiros patriarcas, mas as primeiras testemunhas de Cristo, os apóstolos/joias, a fonte de luz e o sinal característico do *escaton* (tempo final).

1.3. A santidade e a glória da cidade

²² Nela não vi templo, pois o seu templo é Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro. ²³ A cidade não precisa nem do sol nem da lua para iluminá-la, pois a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro. ²⁴ As nações andarão mediante a sua luz e os reis da terra lhe trazem a sua glória. ²⁵ As suas portas, de dia, jamais se fecharão, e ali não haverá noite, ²⁶ e lhe trarão a glória e a honra das nações. ²⁷ Nela jamais entrará qualquer impureza e o que pratica abominação e mentira, mas somente os que estão escritos no livro da vida do Cordeiro.

Apocalipse 21,22-27 contém três declarações importantes: na cidade não há templo; a cidade não necessita dos meios ordinários de iluminação; e todos os reis e nações trazem sua glória à cidade. Primeiro, não há templo na Nova Jerusalém porque Deus e o Cordeiro são o seu templo, a luz por meio da qual as nações e reis andam:

Então ouvi uma grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles (21,3).

A forma da cidade não deixa dúvida da sua identificação com o templo apocalíptico. Sua forma é cúbica (21,6), lembrando o santo dos santos do templo de Salomão (1Rs 6,20), bem como o templo de Ezequiel (Ez 41,21; 43,16; 45,1; 48,20). A cidade e o templo estão totalmente revestidos da glória de Deus. A descida da cidade, que vem do céu, da parte de Deus, e as imagens usadas para descrevê-la identificam a Nova Je-

rusalém com o templo apocalíptico e indicam que as antigas instituições religiosas se tornaram obsoletas.

Segundo, a cidade não precisa do sol ou da lua. A noite foi substituída pelo dia do Senhor: a nova criação do dia primeiro, quando Deus criou a luz, a luz da sua presença. A presença de Deus e do Cordeiro indica a ausência de um templo na cidade e sua independência dos meios comuns de iluminação. A construção do santuário caracterizava a antiga esperança judaica sobre o futuro. João, o profeta, dá continuidade a esta tradição, mas transfere as características do templo para a cidade. Tudo é sagrado, a glória enche a cidade inteira e Deus é acessível ao povo sacerdotal. Não é necessário templo, pois a presença de Deus e do Cordeiro transforma a cidade num santuário. A esfera do sagrado expande e inclui tudo o que pode ser oferecido a Deus. As muralhas da separação ritual foram derrubadas. É uma construção totalmente nova: uma cidade santa, sacerdotal, aberta, povoada pela universalidade da humanidade resgatada e habitada pela glória permanente de Deus e do Cordeiro. A cidade sacerdotal está totalmente inundada da luz de Deus:

Não te servirá mais o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória (60,19).

Na Nova Jerusalém tudo é novo. Especialmente nova é a relação entre Deus e a humanidade, que tem a vida sustentada pela presença de Deus e do Cordeiro. A presença de Deus e do Cordeiro, que ilumina e transfigura as relações entre os seres humanos, é o suporte necessário para a instauração de uma sociedade de seres humanos renovados.

Finalmente, a Nova Jerusalém tem uma função centrífuga: ela irradia luz e as nações andam na sua luz e os reis da terra levam a ela a sua glória. Contra o costume de fechar as portas da cidade à noite, estabelece-se um uso contrário:

As suas portas jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite (21,25).

Sublinha-se sua universalidade e abertura às nações, mas também a atitude das nações em relação a Deus. Quando “os reis da terra lhe trazem a sua glória”, o fazem para a glória de Deus e do Cordeiro. As visões anteriores do Apocalipse apresentam “os que habitam a terra” (13,14; 17,2.8; 18,3) enganados pelo mal e subservientes ao anticristo, e os reis da terra como vassalos do império e do governador anticristão (17,2). Mas, agora, a antiga serpente, o sedutor de todo o mundo está derrotado (12,9). Chegou o tempo no qual se cumpre a canção dos redimidos: “Todas as nações virão e adorarão diante de ti” (15,4).

Isso indica o reino de Cristo na terra, mas é também verdadeiro com respeito ao reino de Deus e do Cordeiro na ordem transcendente da nova criação. Deriva daí o encorajamento que esta esperança daria aos destinatários do livro e sua pertinência em relação à situação deles não deve ser desdenhada: os oponentes da comunidade, cuja hostilidade crescia em proporções assassinas, devem oferecer o Deus a tributo de sua adoração. A cidade que uma vez ofereceu suas riquezas ao anticristo as oferecerá à cidade de Deus e do Cordeiro.

“Nenhum impuro entrará nela, pois a cidade é um santuário por causa da presença de Deus e do Cordeiro, inscritos no livro da vida do Cordeiro” (21,27). Os cidadãos da Nova Jerusalém são “os que vencem” (21,7). São chamados “filhos”, “servos” e trazem o nome do Cordeiro na sua frente. O seu relacionamento com Deus é descrito por meio da linguagem da aliança de Deus com Israel. Mas o Apocalipse especifica os que são excluídos. São os covardes, os incrédulos, os abomináveis, os assassinos, os impuros, os feiticeiros, os idólatras, os mentirosos (21,8.27; 22,15). Ademais, o uso em 21,27 de “toda impureza”, uma expressão que muitas vezes denota impureza ritual, é uma indicação da natureza cúltica da Nova Jerusalém (Mt 15,11.18.20; Mc 7,15.18.20).

A descrição da Nova Jerusalém tem grande semelhança com as tradições bíblicas que retratam o templo purificado da era apocalíptica e com textos apocalípticos que apresentam a nova realidade que seguirá o fim da história. Não há referência ao povo judaico como uma entidade nacional e o templo foi substituído por Deus e pelo Cordeiro, numa clara indicação de que as instituições religiosas se tornaram obsoletas. As imagens da cidade, do templo e da nova criação sofrem grande mudança. A expectativa apocalíptica, embora com um componente universalista, não está mais centralizada numa nação. A partir da experiência cristã ela se torna uma expectativa universalista com abertura a todos os povos.

1.4. A Nova Jerusalém como paraíso

^{22,1} E mostrou-me o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. ² No meio da sua praça, e de ambos os lados do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a cura das nações. ³ Ali não haverá jamais maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, os seus servos o servirão ⁴ e verão a sua face; e nas suas frentes estará o seu nome. ⁵ E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de luz de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumiará; e reinarão pelos séculos dos séculos.

Apocalipse 21,9-27 descreve a beleza visível da Nova Jerusalém como morada de Deus. Apocalipse 22,1-5, por sua vez, não só identifica a cidade com a nova criação, mas também com o paraíso reconstruído. Como paraíso, torna-se o lugar onde se realiza a comunicação integral entre Deus e os seres humanos, dos seres humanos entre si e com a natureza. Não é um retorno ao paraíso perdido, mas paraíso novo, definitivo, no qual a vida divina flui abundantemente como um rio, fazendo germinar toda a criação.

Os motivos literário-teológicos do Gênesis enriquecidos pela tradição profética constituem o ponto de partida para a formulação desta mensagem (Gn 2,10; Ez 47,1-12). A cidade santa está ligada à história da criação no Gênesis e à árvore da vida. A palavra-chave é vida. É a fonte de onde brota o trono de Deus e do Cordeiro. Deus e o Cordeiro são os ocupantes do trono e, igualmente, os doadores da vida.

A semelhança entre Ezequiel 47,1-12, que associa a criação com a restauração, e Apocalipse 22,1-5 fica evidente: um rio flui através da cidade, com árvores nas margens, levando vida por onde passa (Gn 2,9-10; Sl 46,4; 2Esd 7,53; 8,52; Enoque 25,2). A literatura Tanaítica e do período do Segundo Templo associa o paraíso com a cidade apocalíptica: da mesma forma que a terra deve retornar ao caos primordial, a Nova Jerusalém está ligada à nova criação e ao próprio paraíso.

“Não haverá maldição na cidade”, uma expressão que indica o reverso de Gênesis 3. Deus e o Cordeiro lá habitam com sua soberania e glória manifesta e a sua vontade é reconhecida em todo lugar. “Os seus servos lhe oferecerão culto, verão o seu rosto, o seu nome estará inscrito nas suas fronteiras”. Como povo de Deus, os fiéis foram selados na frente no tempo da tribulação, como sinal de que pertencem a Deus e reinarão para sempre.

A cidade/templo está associada à nova criação. A destruição cósmica ocorreu, a velha ordem passou e o mar, que representa as forças míticas do caos – a besta de 13,1-8 surge do mar –, já não mais existe (Ap 21,1-2). A vitória final requer a eliminação do mar como símbolo do caos e destruição, a origem da oposição a Deus. Nesse sentido, esses textos não só refletem uma destruição cósmica anterior à restauração da terra, mas também afirmam que a terra será gradualmente transformada e o santuário restabelecido. A destruição será seguida por uma nova criação e um renovado acesso à presença de Deus. A ausência do templo na Nova Jerusalém indica que destruição cósmica será seguida por uma nova criação e também por uma nova forma de encontro com o divino.

2. O contexto de Apocalipse 21,9–22,9

A apresentação da Nova Jerusalém localiza-se na narrativa da sétima taça e consumação (16,17–22,9), uma seção do Apocalipse que apresenta um desenvolvimento progressivo e contém três seções: 1. A queda de Babilônia (16,17–19,10); 2. A batalha final e o julgamento universal (19,11–21,8); 3. A Nova Jerusalém (21,9–22,9). As seções 1 e 2 apresentam o juízo de Deus sobre a Babilônia e os inimigos escatológicos. A terceira, decididamente positiva, assinala o surgimento da Nova Jerusalém.

A primeira seção (16,17–19,10) liga-se à parte anterior do livro por meio da narrativa da sétima taça (16,17-21), a qual não só completa a série de taças iniciadas em 16,1, mas também fornece a proposta para a visão da Babilônia (Ap 17–18). Apocalipse 16,17-21, sendo a ligação entre Ap 17–18 e os capítulos anteriores, junto a 14,8 introduz o tema principal dos capítulos 17–18 e também antecipa o seu vocabulário característico.

Em 17,1, a introdução de um dos anjos como o anjo intérprete mantém a continuidade entre a narrativa das taças e os capítulos da Babilônia. A introdução de um dos anjos, dos que têm as sete taças, como guia de João na visão da Nova Jerusalém (21,9), mantém a continuidade entre as visões e estabelece um paralelismo entre 17,1 e 21,9. Apocalipse 21,9 é idêntico a 17,1, mas a adição de “cheias das sete últimas pragas” reforça a ligação com o cap. 16. Se em 17,1 o assunto da visão é o “julgamento da grande

meretriz” e, em 21,9, “a noiva, a esposa do Cordeiro”, um paralelismo antitético fica estabelecido entre as duas visões.

A introdução e a conclusão de cada uma dessas visões se assemelham e a diferença entre elas está na identidade das figuras introduzidas. Isso especifica o contorno do paralelismo antitético entre as duas seções. Duas figuras femininas são introduzidas: a prostituta e a noiva; duas cidades: Babilônia e Nova Jerusalém; dois protagonistas: a besta e o Cordeiro.

Apocalipse 19,11–21,8, a segunda seção, complementa a primeira. Ela tem a sua unidade estabelecida pela menção expressa de julgamento. Os adversários escatológicos: a besta e o falso profeta (13), Satanás (12,13-18), a morte e o *hades* (6,8) estão dispostos na ordem inversa do seu aparecimento no livro. A sua completa destruição está associada ao fim dos homens maus, reis e outras hostes que se opõem (20,8-9b: o conjunto das nações, chamado Gog e Magog) e os pecadores (21,8). O reino milenar (20,4-6) representa uma vitória antes do fim e a progressão interna da narrativa culmina com a criação de um novo mundo.

Apocalipse 19,11–21,8 relaciona-se com a sétima taça pelo fato de que a Babilônia pertence ao esquema inverso de retribuição indicado para a besta, o falso profeta, a morte e o *hades*. O julgamento da Babilônia foi introduzido por último, mas ela foi destruída em primeiro lugar por ser o pivô no esquema geral. A sua punição não está dissociada do juízo sobre os outros adversários escatológicos e a descrição do seu desaparecimento confirma a queda anunciada antes (14,8; 18,1-24). Babilônia, portanto, é a antítese da Nova Jerusalém. Sua queda, descrita na esfera de ação da sétima taça e explicada em 17,1–19,10, relaciona-se com 20,11–21,8. Além disso, a narrativa da sétima taça ficaria incompleta sem o tema correlativo do galardão, presente em Apocalipse 20,11–21,8, razão por que deve ser vista junto com 19,11–21,8, com o que lhe contrasta, isto é, a descrição da nova criação (21,1-8).

Apocalipse 21,1-8 não só culmina e contrasta com os eventos escatológicos de 19,11–20,15, mas também se liga a 21,9–22,9, a descrição da Nova Jerusalém, em seu conteúdo e uso de imagens. Uma voz do trono proclama que Deus habita em meio a seu povo e introduz a declaração da aliança. A aflição e o tormento não mais existem, as primeiras coisas passaram, a água da vida é oferecida aos sedentos. Os habitantes da cidade são chamados de “vencedores”, mas também se especificam as condições que geram a exclusão da cidade. Apocalipse 22,1-5 descreve a cidade como o paraíso: nela está o rio da água da vida e a árvore da vida que produz frutos doze vezes ao ano. É também o trono de Deus e lugar de culto, onde seus servos o servirão para sempre. Como novo Éden tem caráter cósmico, como preexistente e ainda por vir transcende os limites temporais. Vindo de Deus elimina a separação entre o celestial e o terreno.

3. O significado da Nova Jerusalém

O julgamento da Babilônia e o advento da Nova Jerusalém são centrais em Apocalipse 16–22. Este momento teológico decisivo é único, embora tematicamente distinto. Ele pertence à esfera de ação da sétima taça e apresenta tanto a destruição da Ba-

bilônia e a eliminação de todos os inimigos escatológicos quanto o advento da Nova Jerusalém.

Como esperança escatológica, a Nova Jerusalém surgiu quando Jerusalém foi destruída pelos babilônios, em 587 aC. Neste momento o pensamento começou a dirigir-se para o futuro, para uma cidade que estava num tempo distante e que não teria as fraquezas da cidade terrena. Essa esperança ressurgiu no período do segundo templo, sob a influência da crise política e da dominação estrangeira, quando ganhou novo significado, passando a descrever uma nova realidade que Deus criaria num tempo além da história.

As imagens que descrevem a cidade demonstram a esperança na realidade escatológica e estão marcadas pela forma como se experimenta a realidade: a realidade é experimentada de forma tão agressiva que há necessidade de uma interrupção do mundo e da própria história. Este sonho não é somente uma transferência para o céu, nem tampouco o sair da terra, mas espera-se o algo novo, onde elementos da nova criação perpassam a antiga. O antigo não é origem, mas contrapõe-se, e, do céu, criada novamente, desce a Nova Jerusalém.

A descrição desta nova realidade como Nova Jerusalém se dá em continuidade com o passado da promessa profética, em face da ruptura representada pela destruição de todos os inimigos escatológicos. A novidade que Deus estava fazendo, tinha feito e faria poderia ser entendida a partir das imagens do passado e da experiência de vida da qual aquelas imagens foram tiradas. Como na primeira criação, o poder do caos deve ser vencido para que a nova criação seja estabelecida. Esta maneira de dizer reafirma às comunidades a certeza da vitória última sobre o caos, a qual não só cumpre como ultrapassa a primeira ordem das coisas.

Esta restauração e reordenação ocorrem não só como cumprimento das promessas feitas às igrejas (Ap 2–3), mas também dão continuidade às promessas proféticas e à tradição. Isso fica claro quando compararmos a descrição da Nova Jerusalém e a mensagem às sete igrejas (Ap 2–3). Na carta à Igreja de Esmirna, João dirige-se àqueles que experimentam a “blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo antes sinagoga de Satanás” (2,9). Na mensagem à Igreja de Filadélfia, ele também fala “dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus, e não são, mas mentem” (3,9). Ao vencedor, entretanto, é feita a promessa: “Fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome” (3,12). As promessas feitas às igrejas são cumpridas em Apocalipse 21–22. Os vencedores são aqueles que se alegram com a nova criação e entram na cidade pelas portas.

Célia Deutsch (1987, p. 124) mostra a relação entre as promessas feitas às igrejas em Ap 2–3 e o seu cumprimento na descrição da Nova Jerusalém:

◆ Apocalipse 2,1–3,22

- ◆ O vencedor comerá da árvore da vida (2,7)
- ◆ O vencedor não sofrerá dano da segunda morte (2,11)
- ◆ O vencedor receberá uma pedra com um novo nome (2,17; 3,12)
- ◆ O vencedor terá autoridade sobre as nações (2,26)
- ◆ O vencedor será reconhecido na presença do Pai (3,5)
- ◆ O vencedor é feito uma coluna no templo, inscrito com o nome de Deus e aqueles da nova Jerusalém que desce de Deus (3,12)

◆ Apocalipse 21,1–22,5

- ◆ A árvore da vida produz fruto e remédio para a cura das nações (22,2)
- ◆ O vencedor beberá da fonte da água da vida, enquanto os covardes e traidores receberão a segunda morte (21,8)
- ◆ Os servos receberão um nome nas suas fronteiras (22,4)
- ◆ Os servos governarão para sempre (22,5)
- ◆ O vencedor é proclamado filho de Deus (21,7)
- ◆ A nova Jerusalém desce do céu da parte de Deus (21,1-5.10) e é o lugar da habitação de Deus (21,9-27)

A literatura apocalíptica foi produzida em tempos de crise, mas ela oferecia esperança para transcender o sofrimento e a morte. Ela assegurava aos seus destinatários que morte não é o “fim de toda a esperança humana por justiça e retribuição”. Nesse sentido, o Apocalipse de João, ao apresentar a Nova Jerusalém como uma nova ordem da realidade oferece uma visão da esperança para suas comunidades que lhes permitiria enfrentar a oposição externa ocasionada pelo conflito local do culto imperial, com a comunidade judaica não messiânica, bem como a tensão interna que surge da tentação de se acomodar à cultura dominante.

José Adriano Filho

Rua José Monteiro de Mello, 250, ap. 601-a
86050-430 Londrina, PR
Fone: (43)3026-3839 (res.) e cel. 9936-2148

Bibliografia consultada

AUNE, David. *Revelation 17-21*. Word Biblical Commentary. Dallas, Word Book, Publisher, 1998, p. 1133-1194.

ADRIANO Filho, J. “O Apocalipse de João como um relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 34, 1999/3, p. 7-29.

DEUTSCH, Célia. “Transformations of Symbols. The New Jerusalem in Revelation 21,1–22,5”. In: *Zeitschrift für die neutestamentlich Wissenschaft* 78, 1987, p. 106-126.

SEVERINO CROATTO, José. “Apocalíptica e esperança dos oprimidos (contexto político e cultural do gênero apocalíptico)”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 7, 1990/3, p. 8-21.

THOMPSON, L. "A Sociological Analysis of Tribulation in the Apocalypse of John". In: *Semeia* 36, 1986, p. 146-174.

WENGST, Klaus. *Pax Romana. Pretensão e Realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 174-198.

WILDER, A.N. "Eschatological Imagery". In: *New Testament Studies* 5, 1958, p. 229-245.